



CARTA
INTERNACIONAL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISSN 2526-9038

A identidade do campo das Relações Internacionais no Brasil: uma análise a partir da produção científica em seus principais periódicos na década de 2010¹

*The identity of the field of
International Relations in Brazil:
an analysis of the scientific production
in its main journals in the 2010s*

*La identidad del campo de las
Relaciones Internacionales en Brasil:
un análisis a partir de la producción
científica en sus principales revistas
en la década de 2010*

Copyright:

• This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.

• Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

10.21530/ci.v17n1.2022.1168

Douglas Henrique Novelli*

Resumo

O artigo analisa a produção acadêmica publicada entre os anos de 2010 e 2019 nos principais periódicos científicos brasileiros voltados para o campo das Relações Internacionais, recortados com base em sua classificação no Qualis/Capes. Foi aplicado o método da análise de conteúdo quantitativa a 720 artigos, publicados nos seguintes periódicos: Revista Brasileira de Política

¹ Artigo financiado com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através do programa de Demanda Social (DS).

* Doutorando em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestre em Ciência Política pela mesma instituição. (dougflashnovelli@outlook.com)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6058-5109>

Artigo submetido em 23/02/2021 e aprovado em 26/07/2021.





Internacional (Qualis A1), Contexto Internacional (Qualis A2) e Carta Internacional (Qualis B1). Os resultados revelam a pluralidade de temas de pesquisa e redes de autores, além de reforçar as carências metodológicas que a área apresenta.

Palavras-chave: Pesquisa em Relações Internacionais; Produção Acadêmica; Identidade do Campo; Análise de Conteúdo.

Abstract

The article analyzes the academic production published between the years 2010 and 2019 in the main Brazilian scientific journals focused on the field of International Relations, cut based on their Qualis/Capes rating. It was employed the method of quantitative content analysis to 720 articles, published in the following journals: *Revista Brasileira de Política Internacional* (Qualis A1), *Contexto Internacional* (Qualis A2) and *Carta Internacional* (Qualis B1). The results reveal the plurality of research themes and authors' networks, besides reinforcing the methodological shortcomings that the field presents.

Keywords: Research in International Relations; Academic Production; Field Identity; Content Analysis.

Resumen

El artículo analiza la producción académica publicada entre los años 2010 y 2019 en las principales revistas científicas brasileñas centradas en el ámbito de las Relaciones Internacionales, recortadas a partir de su clasificación en el Qualis/Capes. Fue aplicado el método de análisis de contenido cuantitativo a 720 artículos, publicados en las siguientes revistas: *Revista Brasileira de Política Internacional* (Qualis A1), *Contexto Internacional* (Qualis A2) y *Carta Internacional* (Qualis B1). Los resultados revelan la pluralidad de temas de estudio y de las redes de autores, y refuerzan las carencias metodológicas que presenta el área.

Palabras clave: Investigación en Relaciones Internacionales; Producción Académica; Identidad del campo; Análisis de Contenido.





Introdução

Ao longo das últimas três décadas, o debate intelectual e a produção científica brasileira no campo das Relações Internacionais cresceram tanto em termos quantitativos quanto em termos qualitativos. Esse crescimento pode ser interpretado como um reflexo direto do próprio processo de inserção internacional brasileiro, acentuado a partir das décadas de 1990 e 2000, responsável por promover o interesse da sociedade civil e da academia por temas de política internacional e relações exteriores. Nesse contexto, o presente artigo se insere como uma tentativa de contribuição original e concreta para a área de Relações Internacionais no Brasil, que ajude a entender sua identidade enquanto campo de estudos através do escrutínio dos artigos publicados em seus principais periódicos científicos entre os anos de 2010 e 2019.

Para cumprir os objetivos propostos, o artigo será dividido em três grandes seções. Na primeira parte, será revisada a literatura que trata das produções científicas brasileiras no campo das Relações Internacionais. Na segunda, serão apresentados os critérios de seleção dos periódicos e os métodos de análise que foram empregados. Finalmente, a terceira e última parte será dedicada à apresentação dos resultados, dividindo-os de acordo com: (1) os temas trabalhados pelos artigos analisados; (2) as redes de autores associadas a cada periódico; e (3) os métodos de pesquisa empregados por esses artigos.

Revisão da literatura

Conforme apontado por Medeiros *et al.* (2016), pesquisadores interessados em explorar o estado da arte de determinado campo do conhecimento têm ao seu dispor algumas opções possíveis para explorar tal problemática. Abordagens comuns envolvem descrições históricas das tendências do campo, análises dos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação e análises quantitativas e qualitativas das produções acadêmicas associadas ao campo em questão. Especificamente na área das Relações Internacionais, ainda há de se considerar o projeto *Teaching, Research, and International Policy (TRIP) Around the World* (Maliniak, Peterson e Tierney 2012; Maliniak *et al.* 2014), *survey* voltado para analisar e comparar o ensino e a pesquisa de Relações Internacionais através





da consulta a pesquisadores de vinte países, sendo, portanto, “uma ferramenta interessante para a análise do campo” ao oferecer “uma radiografia geral dos acadêmicos de Relações Internacionais” (Villa *et al.* 2016, 61).

No que toca ao campo das Relações Internacionais no Brasil, estudos dessa natureza vêm sendo desenvolvidos desde, pelo menos, o início da década de 1980, com os trabalhos de Zairo Borges Cheibub, Maria Regina Soares de Lima e Gerson Moura (Cheibub 1981; Cheibub e Lima 1983; Moura e Lima 1982), que se destacam por serem particularmente focados em pautas de política externa, refletindo os estudos que eram então executados pela academia brasileira no campo das Relações Internacionais. As décadas de 1980 e 1990 trouxeram mudanças de conjuntura tanto no nível internacional quanto no doméstico, as quais influenciaram a expansão das pautas observadas pelos pesquisadores brasileiros. Segundo Shiguenoli Miyamoto (1999, 91), entre os principais acontecimentos que podem ajudar a explicar essa mudança do perfil de pesquisa brasileiro no campo das RIs estão “o processo de integração envolvendo Brasil e Argentina [...]; a estabilidade econômica [...]; e o próprio processo de globalização/regionalização”. Nesse sentido, Miyamoto (1999) procede para desenvolver um dos primeiros estudos sobre o estado da arte contemporâneo das Relações Internacionais no Brasil, observando o incremento no número de profissionais e instituições a partir da década de 1980.

Seus esforços foram seguidos e complementados por outros pesquisadores, entre eles Mônica Herz (2002), que analisa a expansão do campo, no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, observando o crescimento de revistas especializadas, teses de doutoramento e trabalhos apresentados nos encontros anuais da ANPOCS; Antônio Carlos Lessa (2005), que observa nos anos 90 uma fase de redesenho institucional e de amadurecimento analítico, identificando o nascimento de uma escola brasileira de Relações Internacionais propriamente dita; Paulo Roberto de Almeida (2006), que apresenta tanto um balanço da produção acadêmica e diplomática sobre os temas mais relevantes para a inserção internacional brasileira quanto um levantamento dos cursos de graduação e pós-graduação disponíveis na área; e Norma dos Santos e Fúlvio Fonseca (2009), que buscam entender o processo de evolução da pós-graduação em RI no Brasil através da análise das políticas de avaliação e fomento conduzidas pelo governo federal. Por sua vez, Deisy Ventura e Maria Lins (2014), através da análise dos currículos dos cursos de RI e de documentos oficiais da área, buscam observar o processo de integração





entre as disciplinas que compõem o campo das Relações Internacionais; Fernanda Barasuol e André Reis da Silva (2016) recorrem aos currículos dos cursos de RI para analisar o ensino de Teoria das Relações Internacionais em universidades brasileiras; e Thiago Gehre Galvão e Gunther Mros (2017) apresentam um estudo genealógico que explora a interação de disciplinas específicas com o campo das RIs, além do lugar destas enquanto partes constitutivas da identidade do campo. Entre os estudos focados na América Latina como um todo, destacam-se os trabalhos de Arlene Tickner (2002; 2009) e Mônica Herz (2010), que em suas análises sobre o desenvolvimento genealógico do campo na região ressaltam sua particularidade ao não apenas absorver macroteorias produzidas pelos grandes centros da disciplina, mas também adaptá-las à realidade regional em associação à teoria da dependência (Cardoso e Faletto 1969; Cardoso 1975), produzindo o que Tickner (2009, 33) chama de “um modelo teórico híbrido”; e os trabalhos de Villa, Cepeda, Souza e Tickner (Villa e Souza, 2014; Villa *et al.*, 2016; 2017), que buscam analisar e divulgar as tendências observadas na América Latina nas pesquisas do TRIP realizadas nos anos de 2011 e 2014.

Isto posto, o trabalho que mais se aproxima da metodologia aplicada na presente pesquisa é o de Medeiros *et. al.* (2016), que aplica análise de conteúdo à 3.648 artigos, publicados em 35 jornais de ciências sociais na América do Sul, entre os anos de 2006 e 2014, observando teorias predominantes, métodos e áreas de pesquisa. Embora sua abordagem multidisciplinar seja bem justificada, argumentando que pesquisadores de Relações Internacionais costumemente publicam em periódicos de outras áreas das ciências sociais, essa não deixa de ser uma postura problemática, uma vez que torna subjetivo o que deve ser considerado ou não pertencente ao campo das Relações Internacionais. Tentando superar esse obstáculo, os autores recorrem ao uso do *software* WordStat 7, auxiliado por um dicionário temático, para tentar recortar os artigos que, de fato, são da área de RI. Isso, contudo, parece ter criado um conjunto de distorções problemáticas, por exemplo: (1) cinco artigos foram excluídos dos periódicos Contexto Internacional e Revista Brasileira de Política Internacional, duas revistas especificamente voltadas para o campo das RIs; (2) entre as demais revistas brasileiras, o número de artigos considerados flutuou entre 19,67% (Varia História) até 60,82%² (Brazilian Political Science Review), números por vezes muito

2 Porcentagens referentes ao total de artigos publicados por esses periódicos no mesmo período.





acima do que seria esperado mesmo em revistas interdisciplinares; e (3) a revista Contexto Internacional acabou com menos artigos considerados no *corpus* da pesquisa do que a Revista de Sociologia e Política, que, como o nome sugere, é majoritariamente voltada para os campos da Sociologia e da Ciência Política, tratando as Relações Internacionais apenas como área correlata.

Assim, apesar de valorizarmos as contribuições de Medeiros *et. al.* (2016) para o entendimento do campo das Relações Internacionais no Brasil contemporâneo, atingido sobretudo graças às grandes proporções do *corpus* que se dispuseram a analisar, o presente artigo seguirá uma abordagem diferente. Embora reconheça o caráter multidisciplinar das Relações Internacionais no Brasil e no mundo, a pesquisa aqui apresentada focou seus esforços em explorar a identidade do campo através do estudo da produção publicada nos principais periódicos brasileiros de Relações Internacionais — os quais terão seus critérios de seleção esclarecidos na próxima seção. Defende-se que, apesar de serem excluídas produções potencialmente relevantes, centrar-se nos periódicos que são exclusiva e nomeadamente voltados para o campo das Relações Internacionais permite a coleta de uma amostra representativa do todo, evitando a subjetividade inerente aos outros métodos de seleção.

Materiais e métodos

Métodos de coleta e critérios de seleção dos periódicos

A pesquisa aqui apresentada se propôs a analisar a produção acadêmica no campo das Relações Internacionais publicada nos principais periódicos brasileiros da área entre os anos de 2010 e 2019. O critério de recorte dos periódicos a serem analisados se deu com base nas classificações no sistema Qualis, voltado para avaliação de periódicos científicos e mantido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cuja consulta se encontra disponível através da Plataforma Sucupira³. De modo geral, o Qualis classifica os periódicos analisados em estratos de qualidade, sendo o A1 o mais elevado, seguido pelos estratos A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, tendo o último peso zero com base nos

³ Acessível através do link: < <https://sucupira.capes.gov.br/> > .





indicadores de produtividade intelectual considerados. Conforme apontado por Figueiredo *et al.* (2015), subentende-se que quanto maior o Qualis, melhor será o periódico ou ao menos que os artigos enfrentaram maior concorrência para serem publicados⁴.

Para compor o *corpus* da pesquisa, foram selecionados os periódicos na categoria “Ciência Política e Relações Internacionais” com status A1, A2 e B1 na última avaliação disponível na data da consulta (quadriênio 2013/2016, consultado no dia 31/01/2020). Como a presente pesquisa objetiva uma análise centrada nos periódicos brasileiros especificamente voltados para a área de Relações Internacionais, foram excluídos os periódicos internacionais e aqueles voltados para a área da Ciência Política como um todo. Ao final, restaram três periódicos no banco de dados, a saber: Revista Brasileira de Política Internacional (RBPI), com Qualis A1; Revista Contexto Internacional, com Qualis A2; e Revista Carta Internacional, com Qualis B1.

A pesquisa ainda se limitou a analisar apenas os artigos publicados nesses periódicos, utilizando como regra de recorte textos que apresentassem, ao menos, um resumo e palavras-chave. Dessa forma, foram excluídos do *corpus* textos como editoriais, resenhas de livros e entrevistas. Optou-se, também, por não incluir no *corpus* artigos que os periódicos tenham posteriormente decidido pela retratação.

O Quadro 1 expõe os dados gerais sobre o *corpus* analisado, apontando o volume total e relativo de artigos que foram coletados. Ao todo, foram analisados 720 artigos, divididos em dez anos e espalhados por 73 números das três revistas.

4 Foram considerados outros indicadores para estabelecer o recorte da pesquisa, como a indexação em bases de dados internacionais e o índice h. Ao final, optou-se pelo Qualis como critério de seleção tendo em vista que, conforme apontado por pesquisas anteriores (ver: Barata 2016; Pires *et al.* 2020), o Qualis das revistas em que um pesquisador publica afeta diretamente suas opções de financiamento, incentivando autores a buscarem periódicos que se enquadrem nos estratos superiores.





Quadro 1 — Descrição do *corpus* da pesquisa segundo periódico e ano de publicação

Ano	RBPI (249)	Contexto Internacional (235)	Carta Internacional (236)
2010 (67)	v.53, n.1 (9) v.53, n.2 (11) v.53, no. spe. (12)	v.32, n.1 (7) v.32, n.2 (12)	v.5, n.1 (9) v.5, n.2 (7)
2011 (57)	v.54, n.1 (10) v.54, n.2 (11)	v.33, n.1 (9) v.33, n.2 (9)	v.6, n.1 (9) v.6, n.2 (9)
2012 (65)	v.55, n.1 (10) v.55, n.2 (9) v.55, no. spe. (9)	v.34, n.1 (9) v.34, n.2 (9)	v.7, n.1 (9) v.7, n.2 (10)
2013 (54)	v.56, n.1 (9) v.56, n.2 (9)	v.35, n.1 (9) v.35, n.2 (9)	v.8, n.1 (9) v.8, n.2 (9)
2014 (75)	v.57, n.1 (11) v.57, n.2 (11) v.57, no. spe. (15)	v.36, n.1 (9) v.36, n.2 (11)	v.9, n.1 (9) v.9, n.2 (9)
2015 (78)	v.58, n.1 (12) v.58, n.2 (8)	v.37, n.1 (9) v.37, n.2 (15) v.37, n.3 (7)	v.10, n.1 (9) v.10, n.2 (9) v.10, n.3 (9)
2016 (78)	v.59, n.1 (8) v.59, n.2 (8)	v.38, n.1 (14) v.38, n.2 (10) v.38, n.3 (8)	v.11, n.1 (10) v.11, n.2 (10) v.11, n.3 (10)
2017 (91)	v.60, n.1 (21) v.60, n.2 (10)	v.39, n.1 (10) v.39, n.2 (10) v.39, n.3 (10)	v.12, n.1 (10) v.12, n.2 (10) v.12, n.3 (10)
2018 (77)	v.61, n.1 (15) v.61, n.2 (8)	v.40, n.1 (8) v.40, n.2 (9) v.40, n.3 (7)	v.13, n.1 (10) v.13, n.2 (10) v.13, n.3 (10)
2019 (78)	v.62, n.1 (14) v.62, n.2 (9)	v.41, n.1 (8) v.41, n.2 (8) v.41, n.3 (9)	v.14, n.1 (10) v.14, n.2 (10) v.14, n.3 (10)

FONTE: dados da pesquisa.

Uma vez estabelecido o *corpus* que seria analisado, passou-se para a coleta dos artigos em questão — feita manualmente nas páginas eletrônicas de cada periódico —, seguida pela análise dos mesmos, cujos métodos empregados serão descritos a seguir.

Métodos de análise

O artigo recorreu ao método da análise de conteúdo quantitativa, técnica que objetiva a análise do material contido nos textos trabalhados, não tecendo





considerações sobre o contexto no qual estes são produzidos. De forma breve, pode ser entendida como um conjunto de procedimentos que buscam, por meio da manipulação das mensagens contidas nos documentos analisados, evidenciar indicadores que permitam traçar inferências sobre os sentidos contidos nos documentos em questão e suas condições de produção e recepção (Bardin 2011). Halperin e Heath (2012, 320–22) resumizam esses procedimentos em quatro passos básicos, sendo eles:

- (1) Definir os documentos que têm validade para a análise e estabelecer o recorte do *corpus*.
- (2) Definir as variáveis que interessam ao pesquisador e, com base nelas, definir as categorias possíveis para cada variável.
- (3) Estabelecer as unidades de registro que serão utilizadas, isto é, quais partes do texto serão submetidas ao processo de categorização.
- (4) Criar e aplicar um protocolo de codificação que permita identificar no texto as unidades de registro procuradas.

O primeiro desses passos já foi parcialmente coberto na Seção 3.1, na qual foram apresentados os artigos que irão compor o *corpus* da pesquisa. Resumidamente, a pesquisa irá abordar os artigos publicados nos três periódicos brasileiros voltados para a área de Relações Internacionais de maior Qualis — RBPI, Contexto Internacional e Carta Internacional —, observando os artigos publicados entre os anos de 2010 e 2019, totalizando 720 artigos.

No que toca ao processo de categorização, segundo passo identificado por Halperin e Heath, este pode ser entendido como um processo de redução do texto às palavras e expressões cuja significância interessam ao pesquisador. O objetivo principal desse processo, segundo Bardin (2011, 148–49), é “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”, os quais são agrupados em categorias analíticas que reúnem um grupo de elementos (aqui entendidos como “unidades de registro”) sob determinado título, tendo como base para o processo de categorização as características comuns compartilhadas por esses elementos.

Ainda sobre o processo de categorização, Campos (2004) contribui para o debate ao destacar duas abordagens possíveis na definição das categorias de análise. Segundo o autor, estas podem ser definidas de antemão, com base em estudos prévios de natureza empírica ou teórica, ou emergir naturalmente dos textos trabalhados. Isto posto, a presente pesquisa buscou analisar os artigos





que compõem seu *corpus* dentro de quatro dimensões, sendo elas: (1) temas pesquisados; (2) autores; (3) nacionalidade da última filiação institucional dos autores; e (4) métodos. Foi optado por um processo de categorização não apriorístico, isto é, com as categorias emergindo naturalmente do texto, tendo em vista as múltiplas possibilidades de categorização oferecidas pelo material.

Já em relação às unidades de registro, cujo estabelecimento é apontado por Halperin e Heath como o terceiro passo na aplicação do método, estas devem ser entendidas como os segmentos do texto que serão submetidos ao processo de categorização. Como apontado por Bardin (2011), é necessário notar que a natureza das unidades de registro é variada, com seus recortes mais comuns sendo efetuados no nível semântico em torno de temas gerais ou em um nível linguístico em torno de palavras ou frases específicas. Assim, é importante ressaltar que a presente pesquisa variou entre a utilização de unidades de registro baseadas em termos específicos — aplicadas no caso dos temas de pesquisa, dos autores e de suas nacionalidades — e de unidades de registro baseadas na apresentação de temas gerais — restritas aos métodos empregados⁵.

Finalmente, Halperin e Heath sugerem que seja criado um sistema de marcação voltado para auxiliar o pesquisador no processo de identificação das unidades de registro procuradas no texto. Na pesquisa aqui apresentada, optou-se pela utilização do *software* ATLAS.ti, que, embora seja primordialmente voltado para análise de dados em pesquisas qualitativas, fornece sólidos subsídios para extrair dados quantitativos da amostra analisada.

Em um primeiro momento, foram inseridos no programa todos os artigos que compõem o *corpus* da pesquisa, avançando então para a leitura e a categorização dos mesmos dentro do próprio *software*. Nele, cada categoria é identificada por um código, que funcionam como etiquetas, delimitando e ordenando as unidades de registro de acordo com seus significados. Feito isso, foram extraídos do *software* os dados quantitativos obtidos por meio da análise de conteúdo, os quais serão analisados a seguir através de técnicas de estatística descritiva e mapas de rede, tendo os últimos sido elaborados com a ajuda do *software* Gephi, voltado especificamente para elaboração desse tipo de desenho gráfico.

5 Conforme sugerido por Sampaio e Souza (2018), foi calculado o alpha de Krippendorff (2004) para medir a confiabilidade de cada variável, tendo todos os testes retornando valores acima de 0,9, margem apontada pelos autores como “muito confiável”.





Resultados

Temas: uma análise das palavras-chave utilizadas

Para analisar os principais temas que norteiam a pesquisa brasileira na área de Relações Internacionais contida nos periódicos observados, optou-se pela utilização de uma unidade de registro baseada nas palavras-chave empregadas pelos artigos em questão. Para garantir a validade e a confiabilidade dos dados finais, foram adotadas uma série de escolhas metodológicas para recortar e limpar os dados base, a saber:

- (1) Considerando que os artigos que compõem o *corpus* da pesquisa foram publicados em três idiomas (inglês, português e espanhol), optou-se por recortar exclusivamente as palavras-chave em inglês, comuns ao longo de todo o *corpus*.
- (2) Palavras-chave que possuíssem mais de uma grafia aceitável, tais como “*defence*” e “*defense*” ou “*cooperation*” e “*co-operation*”, foram normalizadas com base na grafia mais utilizada ao longo do *corpus*.
- (3) Palavras-chave que utilizaram apenas a sigla de um termo de uso comum, tais como USA ou WTO, foram normalizadas para conter o termo escrito por extenso e a sigla entre parênteses, a exemplo de “*United States (USA)*” e “*World Trade Organization (WTO)*”.

Uma vez tratadas, foi possível constatar a presença de 1.706 palavras-chave distintas ao longo dos 720 artigos que compõem o *corpus* da pesquisa. Destas, 1.518 foram mencionadas apenas uma ou duas vezes, enquanto apenas 86 palavras-chave foram mencionadas cinco ou mais vezes, indicando os temas mais proeminentes e emergindo como as mais relevantes para a análise. Sua representatividade é igualmente alta, com ao menos uma dessas palavras-chave estando presente em 573 dos artigos analisados, o que equivale a 79,58% do *corpus*. A Figura 1 expõe um mapa de rede dessas palavras-chave, gerado com o auxílio do *software* Gephi. No mapa em questão, o tamanho dos círculos corresponde ao número total de menções recebida por cada palavra-chave, enquanto a grossura das linhas representa o número de menções conjuntas.





ser extraída não foge do que seria esperado: a pesquisa brasileira em Relações Internacionais se mantém centrada na experiência brasileira e nos desafios que o país enfrenta para se inserir no cenário internacional, algo que historicamente vem sendo constado em pesquisas que buscam analisar a identidade do campo no Brasil e na América Latina como um todo (Herz 2002; 2010; Tickner 2009).

Adicionalmente, através de uma análise de modularidade executada pelo *software* (ver: Blondel *et al.* 2008), foi possível, a partir de suas coocorrências, identificar seis grandes grupos de palavras-chave. O maior deles, identificado na Imagem 1 pela cor verde, foca nos grandes temas da política externa brasileira de modo geral, englobando as relações bilaterais do Brasil com os Estados Unidos, além de temas de segurança internacional, mudança climática, governança global e associados ao Conselho de Segurança das Nações Unidas. Esse conjunto de palavras-chave ainda tem conexões intensas com outros dois grandes grupos, identificados pelas cores vermelha e azul-claro. Em ambos os casos, constam temas associados a projetos de cooperação multilateral de natureza Sul-Sul, com o primeiro englobando o BRICS e seus Estados-membros, além de palavras-chave associadas à economia; enquanto o segundo foca na integração regional sul-americana, incluindo iniciativas como o MERCOSUL, a UNASUL e o Conselho de Defesa Sul-Americano.

O quarto grupo, identificado pela cor amarela, engloba as palavras-chave “*International Relations Theory*”, “*International Organizations*”, “*United Nations*” e “*Peace Operations*”, indicando uma relação de proximidade entre pautas teóricas e associadas às organizações internacionais. No que se refere às teorias de Relações Internacionais, apenas o Construtivismo apresentou, ao menos, dez menções. Sendo o paradigma teórico com o qual mais membros da academia brasileira se autoidentificam (Villa e Souza 2014, 82), esse resultado está dentro do que seria esperado. Enquanto isso, termos associados ao Neorrealismo e ao Liberalismo, apontados por Medeiros *et al.* (2016) como as correntes teóricas dominantes em sua análise léxica, foram aqui menos citados. No caso das correntes realistas, estas parecem ter seu impacto no gráfico minimizado pela maior variedade de termos passíveis de serem empregados, enquanto as abordagens liberais parecem exercer menor centralidade nos artigos que as empregam. É relevante, ainda, entender esses números dentro do espaço geopolítico que o Brasil e a América Latina ocupam, além de como isso afeta seu lugar enquanto produtores de conhecimento: conforme apontado por autores como Tickner (2002; 2009) e Acharya e Buzan (2019), as teorias “importadas” dos grandes centros, com frequência,





se mostram ineficientes para explicar as realidades locais latino-americanas, demandando um processo de “localização” que as adapta e as instrumentaliza para a compreensão dos problemas estudados. É esperado, portanto, que esse debate teórico assuma o pano de fundo em artigos sobre problemáticas locais nos quais essas correntes se fazem presentes.

Por sua vez, o quinto grupo de palavras-chave, apresentado em azul escuro, gira em torno de pautas associadas aos chamados “novos estudos de segurança”, englobando pautas como direitos humanos, refugiados, migração e meio-ambiente. Seu padrão de distribuição é curioso, estando inserido entre os dois primeiros grupos, sugerindo uma proximidade de pautas. Já o sexto e último grupo inclui apenas duas palavras-chave, “*Strategic Studies*” e “*Armed Forces*”, ambas mencionadas apenas seis vezes e com ligações muito tênues com os demais grupos analisados.

No que toca às palavras-chave mais utilizadas, ainda é necessário considerar as diferenças existentes entre os três periódicos. O Quadro 2 expõe os termos empregados dez ou mais vezes em cada revista, distinguindo-os de acordo com o periódico.

Quadro 2 — palavras-chave utilizadas dez ou mais vezes em cada periódico

<i>RBPI</i>	<i>Contexto Internacional</i>	<i>Carta Internacional</i>
Brazilian foreign policy (42);		
Brazil (38);	Brazil (21);	Brazil (33);
China (15);	Foreign policy (20);	United States (USA) (29);
Latin America (15);	Latin America (16);	Foreign policy (25);
Foreign policy (13);	Brazilian foreign policy (15);	China (22);
Climate Change (13);	BRICS (10);	Brazilian foreign policy (21);
European Union (13);	International Relations (10).	South America (11);
South America (12);		Latin America (10).
United States (USA) (12).		

FONTE: dados da pesquisa.

De modo geral, as três revistas parecem assumir uma linha editorial muito próxima, com os termos “*Brazil*”, “*Brazilian foreign policy*” e “*Foreign policy*” — os três mais comuns no que toca ao conjunto total de produções — figurando entre as palavras-chave mais citadas nos três periódicos. Particularmente, na RBPI, as pautas associadas ao Brasil e à política externa brasileira foram desproporcionalmente grandes, tanto comparadas as demais pautas abordadas





pela revista quanto comparadas aos resultados observados nos outros dois periódicos. Em relação às outras palavras-chave principais, a China figurou proeminentemente na Carta Internacional e na RBPI, enquanto na Contexto Internacional ela foi majoritariamente citada através do BRICS. A RBPI e a Contexto Internacional ainda parecem ter dado destaque a pautas associadas à América Latina, enquanto a Carta Internacional teve, com ampla margem, o maior número de artigos mencionando os Estados Unidos entre suas palavras-chave (29, de um total de 49 nas três revistas).

Autores

Concluída a exposição dos resultados da pesquisa no que se refere aos temas abordados pelos artigos analisados, avança-se agora para os resultados referentes aos autores. Optou-se pela utilização dos nomes dos autores como unidade de registro, tomando o cuidado posterior de normalizar autores cujo nome eventualmente apresentasse duas ou mais grafias distintas. Ao final, foram localizados 753 autores que publicaram nos periódicos analisados entre os anos de 2010 e 2019. O Quadro 3 expõe os principais resultados extraídos nessa etapa da pesquisa.

Quadro 3 — dados referentes aos autores

	<i>RBPI</i>	<i>Contexto Internacional</i>	<i>Carta Internacional</i>
<i>Número total de autores</i>	365	354	349
<i>Média de autores por artigos</i>	1,466	1,506	1,479
<i>Número de autores com 3 ou mais citações</i>	16	4	5
<i>Representatividade dos principais autores</i>	13,70%	3,67%	4,87%

FONTE: dados da pesquisa.

O primeiro dado a ser notado é que as três revistas possuem um perfil muito semelhante no que toca ao número de autores, sobretudo considerando a relação de autores por artigo, com as médias dos três periódicos flutuando em torno de 1,5 autores por artigo. Ademais, se considerarmos apenas os autores mais prolíficos em cada um desses periódicos, a RBPI apresentou 16 autores com três ou mais artigos publicados em seus números ao longo do período analisado, enquanto a Contexto Internacional e a Carta Internacional apresentaram, respectivamente,

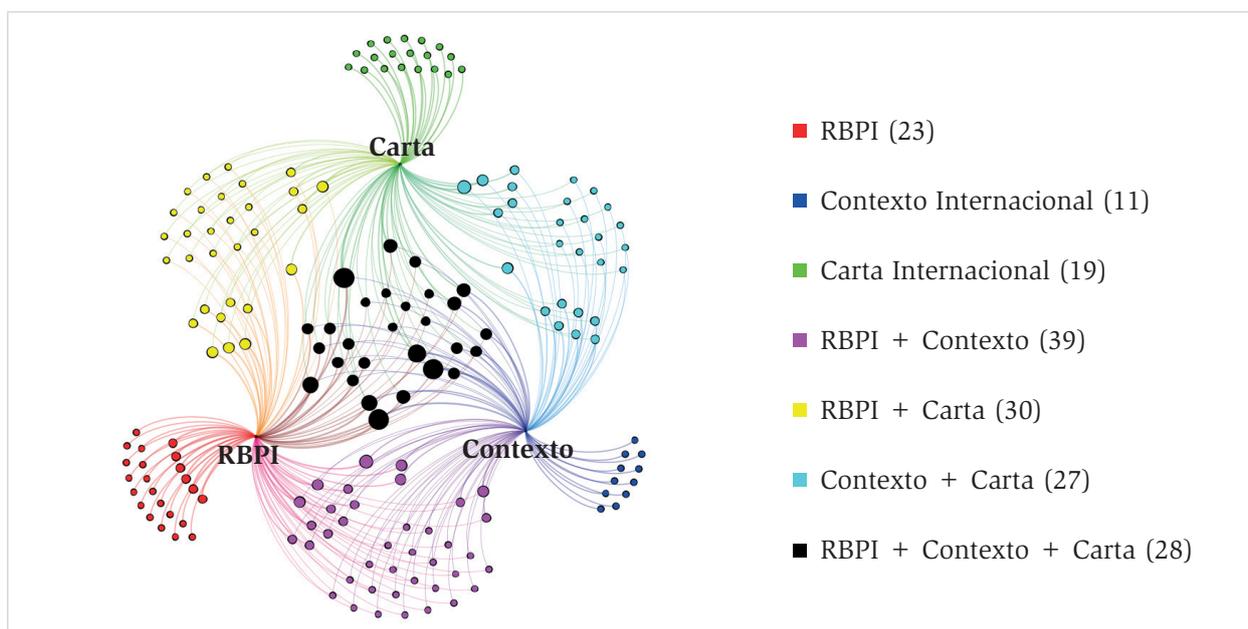




apenas quatro e cinco autores com tal perfil. Em um primeiro momento, essa informação sugeriria um caráter mais fechado da RBPI em comparação às outras revistas, entretanto, mesmo na RBPI, a representatividade dos principais autores sobre o total das produções é baixa, sugerindo que as três revistas possuem comunidades plurais.

Nesse sentido, a Figura 2 apresenta um mapa visual das comunidades de autores que publicaram nas três revistas, considerando os pesquisadores que tiveram ao menos duas publicações nesses periódicos no período analisado.

Figura 2: comunidades acadêmicas associadas a cada periódico



FONTE: dados da pesquisa.

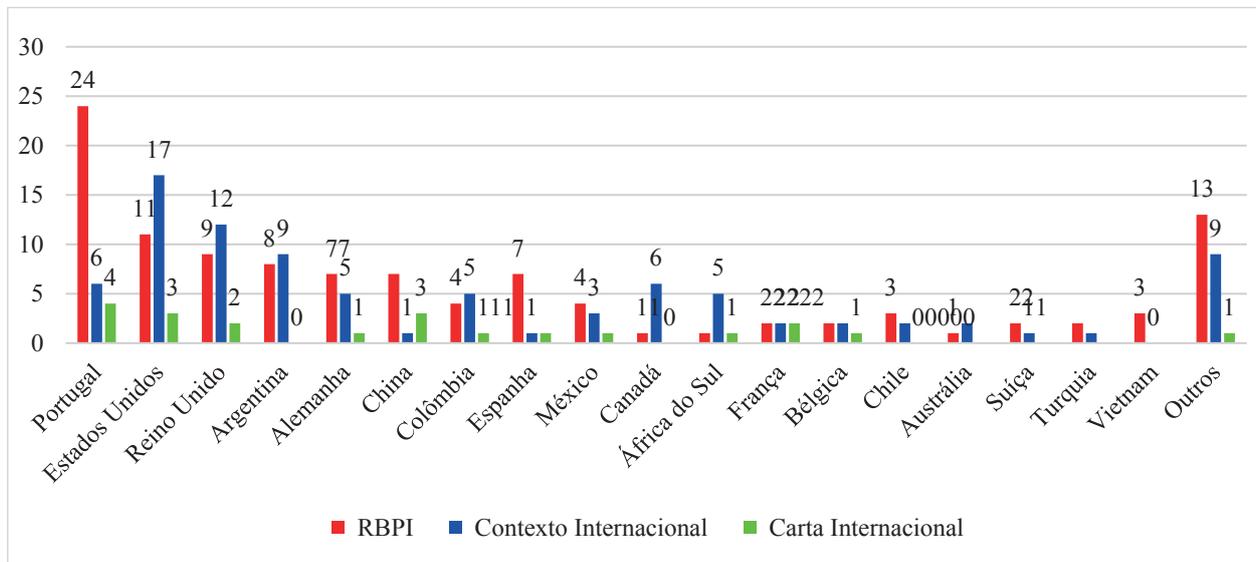
Em sintonia com os dados apresentados pelo Quadro 3, a Figura 2 expõe uma concentração levemente maior ao redor da RBPI se comparada com os demais periódicos, porém sem grande peso se comparado ao conjunto total. Entre os 156 autores que tiveram ao menos dois artigos incluídos no *corpus* da presente pesquisa, 23 publicaram apenas na RBPI, 11 apenas na Contexto Internacional e 19 apenas na Carta Internacional. Isto posto, 96 autores publicaram em duas das três revistas, enquanto 28 autores publicaram nas três. Analisados em conjunto, esses dados sugerem que os três maiores periódicos brasileiros de Relações Internacionais de fato compartilham entre si apenas uma grande comunidade de autores.

Adicionalmente, ainda se buscou identificar o grau de internacionalização desses periódicos. Para tanto, foi estabelecido como unidade de registro a



nacionalidade da última filiação institucional apontada pelos próprios autores nos resumos biográficos que acompanham os artigos. Ao todo, foram localizadas 37 nacionalidades distintas, com o Brasil em primeiro lugar por uma margem ampla (542 notações), seguido de Portugal (34 notações) e Estados Unidos (31 notações). O Gráfico 1 apresenta os dados de nacionalidade institucional observados no *corpus* da presente pesquisa, excluído o Brasil, divididos de acordo com os periódicos aos quais se referem.

Gráfico 1 — nacionalidade dos autores de acordo com suas filiações institucionais⁶



FONTE: dados da pesquisa.

Entre os três periódicos, a RBPI é o que possui o maior número de autores que indicaram uma filiação institucional estrangeira, com 105 de seus artigos apontando, ao menos, um autor de fora do país (42,17% do seu total), seguida pela Contexto Internacional, com 86 artigos (36,6% do total), e pela Carta Internacional, com 21 artigos (8,9% do total). Também é notável a baixa adesão de outros pesquisadores latino-americanos aos três periódicos, apesar destes serem os mais importantes da maior comunidade epistêmica do campo das RIs na região, tal qual demonstrado nas últimas edições do TRIP (Maliniak *et al.* 2014). Conforme sugerido por Villa *et al.* (2017), uma possível via explicativa para esse fenômeno se encontra na barreira linguística, que limita o acesso de revistas publicadas em português a outros pesquisadores latino-americanos, o que,

6 Os países agrupados na categoria “Outros” incluem, com duas notações cada, Equador, Índia, Itália, Suécia e Uruguai; e, com uma notação cada, Dinamarca, Finlândia, Indonésia, Irlanda, Israel, Montenegro, Moçambique, Países Baixos, Rússia, Arábia Saudita, Tailândia e Venezuela.



igualmente, justificaria a maior adesão de pesquisadores portugueses. Isto posto, é preciso considerar que a RBPI e a Contexto Internacional, há anos, adotam a política editorial de apenas publicar textos em inglês, sugerindo a possibilidade do cenário desenhado ser menos produto de uma questão linguística e mais das estratégias de divulgação adotadas por cada periódico.

Métodos empregados pelos artigos analisados

Avançando agora para o último tópico da análise, o primeiro ponto a ser notado é que, ao contrário das outras seções, que utilizaram unidades de registro baseadas em termos específicos, para analisar os métodos de pesquisa empregados pelos artigos analisados, foram utilizadas unidades de registro de nível semântico baseadas em um “tema”, que nada mais é do que “a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (Bardin 2011, 135). Essa escolha metodológica se deu em razão de que, diferente dos autores e das palavras-chave, que têm lugar claramente definido e especificado nos artigos, os métodos que esses trabalhos empregam nem sempre estão claros, com frequência não sendo nem mesmo apresentados nos resumos dos mesmos.

Para a realização dessa etapa da pesquisa, o primeiro passo tomado foi a leitura de todos os resumos dos 720 artigos que compõem o *corpus*. Ademais, buscou-se, em todos os artigos, as sentenças em que foram empregados os termos “método”, “metodologia”, “*method*” e “*metodología*”⁷, categorizando nessa etapa inicial os resultados que, através de uma análise qualitativa preliminar, fossem identificados como referenciando especificamente os métodos de pesquisa empregados pelo artigo analisado. Nesse sentido, foi adotada uma postura inclusiva, categorizando qualquer elemento que os autores apontassem como seu método ou metodologia empregada, independentemente da dimensão do processo de pesquisa a qual este se refere (ver: Bauer, Gaskell, e Allum 2008, 19).

Através dessa análise inicial, foi possível identificar a aplicação de um total de 30 métodos de pesquisa distintos. Partindo disso, foi elaborado um dicionário de termos, subdividido nos três idiomas utilizados pelos artigos (português, inglês e espanhol), os quais foram então individualmente pesquisados ao longo de todo

7 O termo em inglês “*methodology*” não foi buscado tendo em vista que seus resultados já são abarcados pelo termo “*method*”. Do mesmo modo, a grafia para “método” é a mesma em português e espanhol, tornando dispensável repetir a busca.





o *corpus* através da ferramenta de busca nativa do ATLAS.ti, utilizado para a operacionalização da presente pesquisa. Os resultados foram então analisados qualitativamente, categorizando apenas aqueles que contextualmente se referissem aos métodos empregados pelo artigo então analisado. O Quadro 4 expõe os resultados obtidos nessa etapa da pesquisa, subdivididos por periódicos, apontando ainda a porcentagem de artigos de cada periódico que utilizaram determinado método de pesquisa. Somadas, essas porcentagens superam 100%, dado que alguns poucos artigos aplicaram mais de um único método de pesquisa.

Quadro 4: métodos empregados nos artigos analisados

	Total	Total %	RBPI	RBPI %	Contexto Inter.	Contexto %	Carta Inter.	Carta %
Revisão de literatura	62	8,61 %	12	4,82 %	24	10,21 %	26	11,02 %
Estudo de caso	42	5,83 %	17	6,83 %	12	5,11 %	13	5,51 %
Entrevista	30	4,17 %	12	4,82 %	12	5,11 %	6	2,54 %
Pesquisa documental	28	3,89 %	8	3,21 %	6	2,55 %	14	5,93 %
Análise de conteúdo	22	3,06 %	10	4,02 %	5	2,13 %	7	2,97 %
Pesquisa comparativa	21	2,92 %	11	4,42 %	4	1,70 %	6	2,54 %
Entrevista semiestruturada	20	2,78 %	6	2,41 %	9	3,83 %	5	2,12 %
Análise de discurso	15	2,08 %	2	0,80 %	7	2,98 %	6	2,54 %
Estatística descritiva	15	2,08 %	5	2,01 %	4	1,70 %	6	2,54 %
Survey	12	1,67 %	2	0,80 %	3	1,28 %	7	2,97 %
Process tracing	10	1,39 %	5	2,01 %	2	0,85 %	3	1,27 %
Método histórico	4	0,56 %	0	0,00 %	1	0,43 %	3	1,27 %
Regressão linear	4	0,56 %	3	1,20 %	1	0,43 %	0	0,00 %
Etnografia	3	0,42 %	0	0,00 %	2	0,85 %	1	0,42 %
Entrevista exploratória	2	0,28 %	0	0,00 %	1	0,43 %	1	0,42 %
Revisão sistemática da literatura	2	0,28 %	1	0,40 %	1	0,43 %	0	0,00 %
Outros	14	1,94 %	1	0,40 %	6	2,55 %	7	2,97 %
Não especificado	458	63,61 %	166	66,67 %	148	62,98 %	144	61,02 %

FONTE: dados da pesquisa.

Os resultados apresentados no Quadro 4 expõem um cenário, no mínimo, preocupante. Ao todo, dos 720 artigos que integram o *corpus* da pesquisa, não foi possível localizar nenhuma menção ao método de pesquisa empregado em





458 deles, o que representa 63,61% do *corpus*. Essa tendência se replica em todas as revistas, com os três periódicos apresentando ao menos 61% de seus artigos sem qualquer menção aos métodos ou a metodologia empregada. Ademais, contrariando expectativas, esse número é ainda maior na RBPI, revista com o maior Qualis dentre as três analisadas, na qual não foram localizadas referências aos métodos empregados em 166 dos 249 artigos publicados no período analisado (em torno de 66,67%).

De modo geral, o método mais comum entre os artigos analisados é a revisão de literatura (mais comum na Contexto Internacional e na Carta Internacional, sendo o segundo mais comum na RBPI), o qual pode ser brevemente descrito como “a resolução de um problema [...] por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas” (Bocato 2006, 266). Se assumirmos que, tal qual apontado por Reus-Smit e Snidal (2013), as pesquisas em Relações Internacionais possuem intrinsecamente uma dimensão normativa e uma dimensão empírica, a primazia de revisões bibliográficas enquanto método de pesquisa parece sugerir ou uma predominância da dimensão normativa sobre a empírica, ou uma tendência ao debate empírico derivado de fontes secundárias, se não os dois.

Seguido das revisões de literatura, figuram as metodologias de pesquisa que se utilizaram de entrevistas para obter seus dados. É relevante notar a presença de três grupos, no Quadro 4, que fazem menção a entrevistas, sendo eles: entrevistas semiestruturadas (presentes em vinte artigos); entrevistas exploratórias (presentes em apenas dois artigos); e um grupo identificado meramente pelo termo “entrevistas”, aqui se referindo a trinta artigos que de modo genérico afirmaram aplicar algum tipo de entrevista em sua pesquisa⁸.

Finalmente, a terceira metodologia mais comum foi a de estudo de caso, aplicada em 42 artigos. Identificados por Bauer, Gaskell e Allum (2008, 19) como um dos possíveis princípios de delineamento de uma pesquisa científica, John Gerring os define como uma classe de abordagens metodológicas nas quais “a amostra é, em um sentido formal (mas, às vezes, enganoso), igual a 1” (Gerring 2006, 215, tradução nossa)⁹. Assim, ao se afirmar apenas que determinada pesquisa se trata de um estudo de caso, meramente se aponta que o seu *n* é igual

8 Para maiores informações sobre os tipos de entrevista aplicáveis nas Ciências Sociais, consultar Boni e Quaresma (2005).

9 Texto original: “*methods where the sample is, in some formal (but perhaps misleading) sense, equal to 1*”.





a 1, sem tecer considerações sobre a forma como os dados relativos a esse caso foram coletados e analisados — situação constatada em 38 dos 42 artigos do *corpus* que fizeram menção a estudo de caso enquanto seu método empregado sem mencionar a utilização sincrônica de qualquer outro método de pesquisa.

Conclusões

Conforme apontado no início do artigo, os pesquisadores empenhados em estudar o atual estado da arte de um campo do conhecimento possuem, ao seu dispor, um amplo conjunto de abordagens possíveis, como descrições históricas, análises de currículos e, logicamente, análises quantitativas e qualitativas das produções científicas associadas ao campo em questão. No que tange a área brasileira de Relações Internacionais, alguns esforços já haviam sido desenvolvidos nesse sentido. Uma perspectiva comum, adotada por estudos desse tipo, tem sido tomar como ponto de partida a natureza interdisciplinar da área de RI, com seus pesquisadores comumente publicando em revistas associadas às áreas de História, Economia, Direito e Ciência Política, apenas para citar os exemplos mais comuns (Lessa 2005; Herz 2010; Medeiros *et al.* 2016).

Embora seja empiricamente justificada a escolha de analisar o campo das Relações Internacionais incluindo produções publicadas em periódicos de outras áreas, essa perspectiva inerentemente produz desafios metodológicos difíceis de serem superados, sendo o maior deles a dificuldade em demarcar com precisão quais estudos tratam-se, de fato, de pesquisas associadas ao campo das RIs. Nesse sentido, embora reconheça o caráter multidisciplinar das Relações Internacionais no Brasil e no mundo, o presente artigo optou por centrar-se nos periódicos que são exclusiva e nomeadamente voltados para o campo das Relações Internacionais. Apesar de fatalmente serem deixadas de fora produções potencialmente relevantes, defende-se que os periódicos aqui analisados — os três maiores dedicados às Relações Internacionais no país — produzem uma amostra representativa do todo, ao mesmo tempo que evitam a subjetividade inerente aos outros métodos de seleção.

Isto posto, o presente trabalho permitiu extrair, com os devidos fundamentos empíricos, algumas conclusões relativas às três dimensões que se propôs analisar. A primeira conclusão obtida diz respeito aos temas pesquisados, apontando que a pesquisa brasileira em Relações Internacionais continua se desenvolvendo





alinhada à experiência empírica nacional e aos desafios que o país enfrenta para se inserir no cenário internacional, o que não foge das tendências históricas já identificadas por outros autores (Miyamoto 1999; Herz 2002; 2010; Tickner 2002). Duas consequências podem ser derivadas dessa constatação: por um lado, a pesquisa brasileira em RI parece alinhada para atender necessidades práticas do país, avaliando políticas públicas e sugerindo caminhos para atingir seus objetivos geopolíticos; por outro, isso cria uma tendência que pode ser responsável por gerar alienação em relação às grandes pautas — sobretudo teóricas — das Relações Internacionais no mundo, o que, em parte e sob a perspectiva brasileira, ajuda a entender a carência de contribuições teóricas substanciais advindas do sul global (Barasuol e Silva 2016; Acharya e Buzan 2007; 2009; 2019). Isto posto, conforme apontado por Robert Cox (1986, 207), “teoria sempre é para alguém e com algum propósito”. Assim, a falta de contribuições advindas do Brasil às macroteorias das RIs, por si só, não é necessariamente um problema, tendo em vista que esse fenômeno não parece se tratar de uma carência teórica propriamente dita, mas sim de uma produção que é direcionada especificamente para a experiência e as particularidades brasileiras, temas que são naturalmente caros à nossa academia.

No tocante aos autores, poucas conclusões foram descobertas. A análise das redes de produção entre os três periódicos aponta que de modo geral os três de fato compartilham uma mesma comunidade acadêmica ampla, com os autores mais prolíficos sendo responsáveis por muito pouco do total de publicações. Ademais, foi ainda considerada a nacionalidade da última filiação institucional apontada pelos autores nos resumos biográficos que acompanham os artigos, o que permitiu um mapeamento dos artigos que são produzidos por autores de fora do país. Os dados aqui são bem positivos, com a RBPI apresentando ao menos um autor estrangeiro em 40,27% dos seus artigos. Se o processo de internacionalização do debate científico pode ser medido por autores brasileiros publicando em periódicos estrangeiros e autores estrangeiros publicando em periódicos brasileiros, ao menos no segundo quesito a área de Relações Internacionais no Brasil parece caminhar bem.

Finalmente, é necessário discutir a dimensão de análise cujos resultados são mais preocupantes, isto é, os métodos empregados pelos artigos analisados. Resumidamente, o que se viu através da análise de conteúdo foi uma ampla maioria dos artigos analisados não apresentando qualquer menção ao método ou metodologia empregados, e isso mesmo adotando uma estratégia de análise





excepcionalmente inclusiva, categorizando qualquer elemento que os autores apontassem como seu método ou metodologia. Preocupa também o fato de que, entre os três métodos mais empregados, dois deles (“entrevistas” e “estudo de caso”) são comentários incompletos e que dizem pouco ao leitor, enquanto o terceiro (“revisão de literatura”) é, essencialmente, o mínimo que se espera de qualquer artigo científico. Juntos, os artigos que não especificaram sua metodologia, ou que apontaram apenas um dos métodos acima discutidos, totalizam 592 artigos, ou 82,22% do *corpus* analisado.

Esses dados se tornam ainda mais alarmantes se considerarmos que a maior parte dos pesquisadores brasileiros se identificaram como adeptos de métodos qualitativos nas pesquisas mais recentes do TRIP (Maliniak *et al.* 2014), iniciando um debate sobre como a sub-representação brasileira nos principais jornais internacionais da área pode ser ocasionada pela preferência desses periódicos por métodos quantitativos-formais (ver: Maliniak *et al.* 2011; Villa e Souza 2017). Isso só faria sentido se esses pesquisadores, de fato, estivessem empregando métodos qualitativos; todavia, conforme demonstrado, a maior parte dos estudos analisados não apresentam claramente o uso de qualquer tipo de metodologia. Assim, parece mais provável que a autoidentificação com metodologias qualitativas por parte dos pesquisadores brasileiros muitas vezes se dê puramente em função da não utilização de métodos quantitativos em suas pesquisas, as quais, tão pouco, se utilizam de métodos qualitativos propriamente ditos. Logo, se a metodologia pode ser entendida como “as regras que conferem sentido e validam a produção do conhecimento” (Rezende 2016, 16), tudo indica que a área de Relações Internacionais no Brasil precisa, com urgência, se empenhar mais nesse sentido.

Referências

- Acharya, Amitav, e Barry Buzan. 2007. “Why Is There No Non-Western International Relations Theory? An Introduction.” *International Relations of the Asia-Pacific* 7 (3): 287–312. <https://doi.org/https://doi.org/10.1093/irap/lcm012>.
- Acharya, Amitav, e Barry Buzan. 2009. *Non-Western International Relations Theory: Perspectives on and beyond Asia*. <https://doi.org/10.4324/9780203861431>.
- Acharya, Amitav, e Barry Buzan. 2019. *The Making of Global International Relations: Origins and Evolution of IR at Its Centenary*. <https://doi.org/10.1017/9781108647670>.





- Almeida, Paulo Roberto De. 2006. *O Estudo Das Relações Internacionais Do Brasil: Um Diálogo Entre a Diplomacia e a Academia*. Brasília: LGE Editora. <http://www.lgeeditora.com.br/%0Ahttp://www.pralmeida.org/01Livros/2FramesBooks/93EstudoRelaIntBr2006.html>.
- Barasuol, Fernanda, e André Reis da Silva. 2016. “International Relations Theory in Brazil: Trends and Challenges in Teaching and Research.” *Revista Brasileira de Política Internacional* 59 (2). <https://doi.org/10.1590/0034-7329201600205>.
- Barata, Rita De Cássia Barradas. 2016. “Dez Coisas Que Você Deveria Saber Sobre o Qualis.” *Revista Brasileira de Pós-Graduação*. <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2016.v13.947>.
- Bardin, Lawrence. 2011. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70. <https://books.google.com.br/books?id=AFpxPgAACAAJ>.
- Bauer, Martin W., George Gaskell, e Nicholas C. Allum. 2008. “Qualidade, Quantidade e Interesses Do Conhecimento: Evitando Confusões.” In *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*, edited by Martin W. Bauer and George Gaskell, 7^a, 17–35. Rio de Janeiro: Vozes.
- Blondel, Vincent D., Jean Loup Guillaume, Renaud Lambiotte, e Etienne Lefebvre. 2008. “Fast Unfolding of Communities in Large Networks.” *Journal of Statistical Mechanics: Theory and Experiment* 2008 (10). <https://doi.org/10.1088/1742-5468/2008/10/P10008>.
- Bocato, V. R. C. 2006. “Metodologia Da Pesquisa Bibliográfica Na Área Odontológica e o Artigo Científico Como Forma de Comunicação.” *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo* 18 (3): 265–74.
- Boni, Valdete, e Sílvia Jurema Quaresma. 2005. “Aprendendo a Entrevistar: Como Fazer Entrevistas Em Ciências Sociais.” *Revista Eletrônica Dos Pós-Graduandos Em Sociologia Política Da UFSC* 2 (1): 68–80. <https://doi.org/10.5007/%X>.
- Campos, CJG. 2004. “Método de Análise de Conteúdo: Ferramenta Para a Análise de Dados Qualitativos No Campo Da Saúde.” *Rev Bras Enferm Brasília* 57 (5): 611–14. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>.
- Cardoso, Fernando Henrique. 1975. *Autoritarismo e Democratização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Cardoso, Fernando Henrique, e Enzo Faletto. 1969. *Dependencia y Desarrollo En América Latina*. Ciudad de México: Siglo XXI Editores.
- Cheibub, Zairo Borges. 1981. *Bibliografia Brasileira de Relações Internacionais e Política Externa*. Rio de Janeiro: IUPERJ.
- Cheibub, Zairo Borges, e Maria Regina Soares de Lima. 1983. *Relações Internacionais e Política Externa Brasileira: Debate Intelectual e Produção Acadêmica*. Rio de Janeiro: IUPERJ.





- Cox, Robert W. 1986. "Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory." In *Neorealism and Its Critics*, edited by Robert O. Keohane, 204–54. Columbia: Columbia University Press.
- Figueiredo, Dalson Britto, Ranulfo Paranhos, José Alexandre da Silva, Enivaldo Carvalho da Rocha, e Dáfni Priscila Alves. 2015. "O Que é, Para Que Serve e Como Se Faz Uma Meta-Análise?" *Teoria e Pesquisa* 23 (2): 205–28. <https://doi.org/10.4322/tp.2014.018>.
- Galvão, Thiago Gehre, e Gunther Mros. 2017. "A Genealogia Do Ensino Da História Para as Relações Internacionais." *Meridiano* 47 18.
- Gerring, John. 2006. "Social Science Methodology: A Criterial Framework." New York: Cambridge University Press.
- Halperin, Sandra, e Oliver Heath. 2012. *Political Research — Methods and Practical Skills*. Oxford: Oxford University Press.
- Herz, Monica. 2002. "O Crescimento Da Área de Relações Internacionais No Brasil." *Contexto Internacional* 24 (1): 7–40. <https://doi.org/10.1590/s0102-85292002000100005>.
- Herz, Monica. 2010. "The Study of International Relations In Latin America." In *Seminario: "El Estado de La Disciplina de Las Relaciones Internacionales En América."* Rio de Janeiro. <https://doi.org/10.1177/03058298870160021001>.
- Krippendorff, Klaus. 2004. *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology (2nd Ed.)*. 2nd ed. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Lessa, Antônio Carlos. 2005. "Instituições, Atores e Dinâmicas Do Ensino e Da Pesquisa Em Relações Internacionais No Brasil: O Diálogo Entre a História, a Ciência Política e Os Novos Paradigmas de Interpretação (Dos Anos 90 Aos Nossos Dias)." *Revista Brasileira de Política Internacional* 48 (2): 169–84. <https://doi.org/10.1590/s0034-73292005000200009>.
- Maliniak, Daniel, Amy Oakes, Susan Peterson, e Michael J. Tierney. 2011. "International Relations in the US Academy." *International Studies Quarterly* 55 (2): 437–64. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2478.2011.00653.x>.
- Maliniak, Daniel, Susan Peterson, Ryan Powers, e Michael J. Tierney. 2014. "TRIP 2014 Faculty Survey." Williamsburg. <https://trip.wm.edu/charts/>.
- Maliniak, Daniel, Susan Peterson, e Michael J. Tierney. 2012. "Trip around the World: Teaching, Research, and Policy Views of International Relations Faculty in 20 Countries." *Teaching, Research, and International Policy (TRIP) Project*, no. May: 1–95. http://www.wm.edu/offices/itpir/_documents/trip/trip_around_the_world_2011.pdf.
- Medeiros, Marcelo de Almeida, Isarael Barnabé, Rodrigo Albuquerque, e Rafael Lima. 2016. "What Does the Field of International Relations Look like in South America?" *Revista Brasileira de Política Internacional* 59 (1): 1–31.





- Miyamoto, Shiguenoli. 1999. "O Estudo Das Relações Internacionais No Brasil: O Estado Da Arte." *Revista de Sociologia e Política*, no. 12: 83–98. <https://doi.org/10.1590/s0104-44781999000100005>.
- Moura, Gerson, e Maria Regina Soares de Lima. 1982. "Relações Internacionais e Política Externa Brasileira." *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais -BIB/ANPOCS*, no. 13: 138–76.
- Pires, Alause Da Silva, Eliseo Berni Reategui, Ana Cristina Xavier França, Eric Bettinger, e Sérgio Roberto Kieling Franco. 2020. "Implicações Do Sistema de Classificação de Periódicos Qualis Em Práticas de Publicação No Brasil Entre 2007 e 2016." *Education Policy Analysis Archives* 28: 25. <https://doi.org/10.14507/epaa.28.4353>.
- Reus-Smit, Christian, e Duncan Snidal. 2013. "Overview of International Relations: Between Utopia and Reality." In *The Oxford Handbook of Political Science*, edited by Robert E. Goodin, 675–708. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199604456.013.0032>.
- Rezende, Flávio da Cunha. 2016. "Transformações Metodológicas Na Ciência Política Contemporânea." *Revista Política Hoje* 24: 13–45.
- Sampaio, Rafael Cardoso, e Diógenes Lycarião Barreto de Sousa. 2018. "Eu Quero Acreditar! Da Importância, Formas de Uso e Limites Dos Testes de Confiabilidade Na Análise de Conteúdo." *Revista de Sociologia e Política* 26 (66): 31–47. <https://doi.org/10.1590/1678-987318266602>.
- Santos, Norma Breda dos, e Fúlvio Eduardo Fonseca. 2009. "A Pós-Graduação Em Relações Internacionais No Brasil." *Contexto Internacional* 31 (2): 353–80.
- Tickner, Arlene B. 2002. *Los Estudios Internacionales En América Latina. ¿Subordinación Intelectual o Pensamiento Emancipatorio?* Santafé de Bogotá: Alfaomega.
- Tickner, Arlene B. 2009. "Latin America Still Policy Dependent after All These Years?" In *International Relations Scholarship around the World*, edited by Arlene B. Tickner and Ole Wæver, 1–351. London: Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203885451>.
- Ventura, Deisy de Freitas Lima, e Maria Antonieta del Tedesco Lins. 2014. "Educação Superior e Complexidade: Integração Entre Disciplinas No Campo Das Relações Internacionais." *Cadernos de Pesquisa* 44 (151): 104–31. <https://doi.org/10.1590/198053142780>.
- Villa, Rafael Duarte, e Marília Souza. 2014. "Communities of International Relations in Emerging World: Neither Resistant to the Positivism nor Beyond Debates." *Journal of International Relations and Foreign Policy* 2 (3): 67–97. <https://doi.org/10.15640/jirfp/xxxxxx>.
- Villa, Rafael Duarte, e Marília Souza. 2017. "Is International Relations Still an American Social Science Discipline in Latin America?" *Opinio Publica* 23 (1): 261–88. <https://doi.org/10.1590/1807-01912017231261>.





Villa, Rafael Duarte, Arlene B Tickner, Marília Carolina B. Souza, e Yamile Carolina Cepeda Másmela. 2017. “Comunidades de Relações Internacionais Na América Latina : Uma Análise Das Tendências a Partir Do TRIP 2014 International Relations Communities in Latin.” *Carta Internacional* 12 (1): 224–56. <https://doi.org/10.21530/ci.v12n1.2017.553>.

Villa, Rafael Duarte, Arlene B Tickner, Marília Carolina B. Souza, e Yamile Carolina Cepeda Másmela. 2016. “Los Internacionalistas Latinoamericanos.” *Foreign Affairs Latinoamérica*, no. January: 8.

